

# O desenho na educação infantil

SILVA, Pedriane Anézia - [pimentarosa21@outlook.com](mailto:pimentarosa21@outlook.com)  
ALVES, Thaís de Campos - [thata\\_campos14@hotmail.com](mailto:thata_campos14@hotmail.com)  
ABRANCHES, Maria Alice - [profmatccfupac@gmail.com](mailto:profmatccfupac@gmail.com)

**Curso de Pedagogia**  
**Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá**  
**Ubá - MG/dezembro/2015**

## Resumo

O que deu origem a presente pesquisa “O desenho na educação infantil” foi o interesse em saber qual o processo de aprendizagem da criança através do desenho. Desta forma, acredita-se que a aprendizagem ocorre através da expressão que a criança transmite em seus desenhos. Partindo deste pressuposto, a pesquisa tem como objetivos, analisar a importância dos desenhos e sua contribuição no processo de aprendizagem da criança; verificar as manifestações das crianças através dos desenhos, bem como, identificar a fase de desenvolvimento da criança através do processo evolutivo do desenho. A pesquisa foi realizada na cidade de Ubá- MG, em quatro escolas da rede municipal de ensino. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo tendo como instrumento de coleta de dados um questionário, aplicado a vinte e dois sujeitos que atuam como professores no primeiro e segundo período (crianças de 4 e 5 anos). A análise dos dados baseou-se nos autores Lowenfeld, Brittain, Seber, Mello, Brasil, Sans, Queiroz e Moita. Verificou-se que o processo de aprendizagem da criança através do desenho ocorre de forma gradativa, passando por estágios evolutivos de desenvolvimento do desenho.

Palavras-chave: Desenho. Aprendizagem. Educação Infantil.

## Abstract

What gave rise to this study "The drawing in early childhood education" was the interest in knowing what the learning process of children through drawing. Thus, it is believed that learning occurs through the expression that conveys the child in his drawings. Under this assumption, the research aims to analyze the importance of designs and their contribution to the child's learning process; check the manifestations of children through drawings, as well as identify the child's development through the evolutionary design process. The survey was conducted in the city of Ubá- MG in four schools in the municipal schools. The methodology used is qualitative nature having as data collection instrument of a questionnaire applied to twenty-two subjects who act as teachers in the first and second period (children 4 and 5 years). Data analysis was based on the authors Lowenfeld, Brittain, Seber, Mello, Brazil, Sans, Queiroz and Moita. It was found that the child's learning process by drawing occurs gradually, passing through evolutionary stages of development of the design.

Key-words: Design. Learning. Childhood education.

## 1. Introdução

A pesquisa tem como tema “o desenho na educação infantil” e busca compreender como a criança constrói sua identidade através do desenho. Este tema é pouco abordado em estudos, porém, é de grande importância para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

De acordo com Sans (2001), os estudos a esse respeito podem ser considerados recentes, pois as superfícies usadas para desenhar ou escrever antigamente (o papiro, pele de

animal ou mesmo o papel) eram escassas. As crianças não tinham muito acesso a esses materiais devido ao alto custo, pois somente com o avanço tecnológico e o barateamento do papel e do lápis o desenho infantil foi mais divulgado e apreciado. Antes disso, as crianças se expressavam pelo desenho, mas em superfícies que dificilmente ficariam intactas através dos tempos.

Com o passar do tempo o desenho e os materiais utilizados foram se modificando, pois como afirma Mèredieu (1994, apud SERAFIM, 2012) o interesse pelos desenhos infantis começou, no fim do século XIX, período em que as crianças começaram a ter acesso ao papel e ao lápis, materiais até então muito caros e de uso restrito. Antes disso, as crianças desenhavam, no chão e nas paredes usando gravetos ou pedaços de carvão.

Natividade; Coutinho; Zanella (2008, p.3) afirmam que, “ao prestar atenção às atividades das crianças, percebe-se que habitualmente elas gostam de desenhar, sendo um canal privilegiado de expressão”. Desenhar é uma das atividades que as crianças gostam de realizar e um meio utilizado para que elas consigam expressar ideias, vontades, sentimentos, além disso, a maneira de como veem e leem o mundo que as cercam.

Segundo Barbosa-Lima; Carvalho (2008, p.2), “enquanto a escrita não oferece segurança para refletir o pensamento desejado, a criança emprega o desenho como meio mais eficiente para exprimir seu pensamento”. Desta forma, em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação atuará de uma maneira tal que respeite a escala de seu desenvolvimento. Percebe-se que através do desenho é possível compreender e analisar o período de desenvolvimento no qual a criança se encontra e como ela expressa suas emoções.

Diante disto, a pesquisa tem como objetivos analisar a importância dos desenhos e sua contribuição no processo de aprendizagem da criança, verificar as manifestações das crianças através dos desenhos, bem como, identificar a fase de desenvolvimento da criança através do processo evolutivo do desenho.

Justifica-se este estudo ao compreender que o desenho é importante tanto para o desenvolvimento das crianças quanto para a sua aprendizagem, além disto, é uma atividade que elas gostam de realizar, pois através do desenho conseguem expressar o que estão sentindo como tristeza, alegria, raiva, bem como, seu pensamento.

O desenho permite também que o professor perceba o processo evolutivo da criança, o momento em que passam de uma etapa à outra, o seu desenvolvimento, através de pequenos rabiscos até um desenho com maiores detalhes.

## 2. Referencial Teórico

O desenho é uma produção gráfica da criança, uma arte que ela produz por meio de traços e que se manifesta desde cedo. Assim, ela transmite para o papel pensamentos de algo que já foi vivenciado por ela mesma, observações feitas durante algum percurso, sentimentos de alegria, tristeza, raiva, entre outras manifestações que são expressas no momento do ato de desenhar.

Esta forma de produção gráfica é utilizada desde os tempos primitivos.

Há muito tempo o desenho é utilizado pelos humanos como forma de representar pensamentos, sentimentos e ações. O homem primitivo já fazia uso de sua linguagem simbólica, utilizando-os antes mesmo dos símbolos que registrassem especificamente a sua fala. (SILVA, 2010, p.3)

O desenho é uma forma de expressão e comunicação entre os homens. Desde os tempos primitivos os homens se comunicam através de símbolos expressos em pedras para transmitir seu pensamento. “Dessa maneira o desenho infantil se constitui como uma das primeiras formas de expressão, surgindo antes do desenvolvimento da leitura e da escrita” (SILVA, 2010, p.3). Entende-se, que o desenho desde aquela época já representava uma forma de comunicação entre as pessoas.

As crianças na educação infantil consideram o ato de desenhar como uma brincadeira, pois é uma atividade que elas gostam de realizar diariamente.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. (BRASIL, 1998, p. 27, v.1)

Diante disto, a escola deve proporcionar a criança um ambiente rico, acolhedor, estimulador e favorável para que a criança possa brincar e assim desenvolver sua criatividade e imaginação transformando em aprendizagem.

Lowenfeld e Brittain (1970) consideram que o desenvolvimento do desenho infantil perpassa por cinco fases ou estágios: o estágio das garatujas, o pré-esquemático, o esquemático, realismo nascente e por último o estágio pseudonaturalista pode-se afirmar que

Estágio das garatujas: inicia-se por volta dos 2 anos e termina, aproximadamente aos 4 anos. A criança começa fazendo riscos descontrolados apenas pelo prazer de manusear o lápis e o papel. [...]; Estágio pré-esquemático: inicia-se por volta dos 4 anos de idade, terminando aos 7 anos. A criança desenha a figura humana apenas com cabeça e pés. Os objetos com os quais convive também começam a ser representados. Os desenhos são feitos de modo desordenado e, muitas vezes, exagerado. [...]; Estágio esquemático: começa aproximadamente aos 7 anos e termina aos 9 anos. Os desenhos apresentam formas definidas, são apresentados de forma descritiva, ordenada e se localizam a margem inferior da folha de papel; Estágio do realismo nascente: dura dos 9 aos 12 anos. [...] A criança começa a representar pessoas e objetos em tamanho menor, mas capturando mais os detalhes; Estágio pseudonaturalista: inicia-se por volta dos 11 ou 12 anos. A criança procura esconder seus desenhos, que são quase sempre personagens de desenhos animados ou histórias em quadrinhos [...]. (LOWENFELD, BRITAIN, 1970, p. 53-57)

Em um primeiro momento, ao passar de um estágio ao outro a criança entende que é capaz de transmitir seu pensamento, suas manifestações por meio de marcas deixadas no papel ou então em qualquer outro tipo de lugar.

Ainda no início do desenho a criança começa a reproduzir “bolinhas”, porém elas significam outras coisas, como por exemplo, “sol”, “nenê”, “menina”, “barata”, “aranha” (SEBER, 1995, p.83). Com a evolução do desenho a criança começa a diferenciar os temas propostos não havendo repetição como anteriormente.

Seber (1995, p.86) afirma que “a criança pode fazer a cabeça bem maior que os membros, omitir esses últimos ou, ainda deixar de representar graficamente certos detalhes.” Ainda por não possuir o desenvolvimento adequado, ela representa a figura humana de forma exagerada e às vezes deixa de representar alguns membros. Seber (1995, p.88), afirma ainda que “à medida que o pensamento evolui, os traçados gráficos se transformam. Com o maior detalhamento, as figuras começam a apresentar semelhança crescente com aquilo que as crianças dizem estar representando”.

A partir da evolução do desenho é possível perceber que a imagem que a criança representa começa a ter uma semelhança com aquilo que ela diz ser, facilitando melhor a compreensão do desenho para o professor.

Quando a criança vai realizar suas produções gráficas, primeiro utiliza de seu pensamento para representar aquilo que está em sua memória, isto acontece porque

é a função semiótica que possibilita à criança representar objetos ou situações que estão fora do seu campo visual por meio de imagens mentais, de desenho, da linguagem, etc. Nesse sentido, a representação dentro da teoria piagetiana pode ser definida como “a capacidade de evocar mediante um signo ou uma imagem simbólica o objeto ausente ou a ação ainda não consumada”. (PILLAR, 2012, p.28)

Em um segundo momento, a criança ao representar um objeto ou alguma outra coisa que não esteja presente a ela, utiliza-se da função semiótica ou função simbólica e por meio desta função é capaz de tornar algo presente por meio da lembrança. A partir da memória adquirida consegue através da simbologia realizar seus desenhos, portanto

aquilo que ela pensou pode ser desenhado, passando assim da linguagem oral para a linguagem gráfica desenhando. E entende também que aquilo que desenhou pode ser traduzido para a forma escrita e que esta é mais elaborada e necessita de regras para poder cumprir sua função social. FERREIRA (1998, apud SERAFIM 2012, p.24)

Posteriormente, a criança transmite para o papel em forma de desenho aquilo que ela observou ou até mesmo a sua vivência, percebendo que aquilo que pensa pode ser desenhado e ser traduzido em escrita. Pode-se considerar que esse procedimento é um avanço considerável em seu processo de construção do conhecimento e

[...] o professor poderá achar que ajuda a criança ao fornecer-lhe um modelo para cópia. Conforme o nível de progresso da capacidade representativa, mesmo que a criança se proponha a copiar, quando muito tomará o tema apenas como sugestão. O modelo não se impõe como tal, qualquer que ele seja, de modo que se torne dispensável. (SEBER, 1995, p. 89)

Por fim, a criança vai tomar conhecimento do que é proposto pelo professor e através dele, ilustra o seu desenho de acordo com o tema que lhe foi sugerido. Sendo assim, ela não copia o modelo, porém faz o seu próprio esboço utilizando-se do pensamento que ela possui sobre determinado tema. Como afirma Seber (1995, p. 91), “logo, se poderia supor que não há prejuízos em oferecer modelos para serem copiados. Mas, com tal atitude, estaríamos desvalorizando a produção da criança e perdendo a oportunidade de acompanhar as características evolutivas desse processo”.

Ao oferecer à criança um modelo para cópia, pode-se perceber que sua produção gráfica estará representada de uma forma detalhada igual ao modelo proposto, porém, a sua imaginação e a sua criatividade são deixadas de lado ao ser realizado a cópia.

Os estudiosos que acompanharam a evolução dos desenhos, desde o momento em que são deixadas marcas impressas no papel, mencionam o surgimento espontâneo de uma “espécie de assinatura”. A partir de certo nível dessa evolução, a criança antecipa a possibilidade de representar, graficamente, também o próprio nome. (SEBER,1995,p.111)

Aos poucos a criança começa a entender que o seu desenho é a sua própria criação, a partir deste pensamento começa a representar por meio da escrita aquilo que foi realizado por ela ou até mesmo seu próprio nome, ainda que a sua escrita não esteja definida.

Com a evolução do pensamento a criança tenta em seu desenho utilizar da escrita para representar a sua criação. No entanto, a quantidade de letras utilizadas varia de acordo com a palavra a ser representada. Seber (1995, p. 121) afirma que, “[...] à medida que o sistema representativo da escrita evolui, a criança passa a se preocupar com a quantidade de letras necessárias para escrever diferentes palavras”.

De acordo com a evolução do desenho é possível perceber que a escrita também evolui, no entanto, a criança que possui um ritmo mais lento em seu desenvolvimento não pode ser reprimida por um adulto, principalmente por seu professor, pois tal atitude poderá ser prejudicial no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Seber (1995, p. 122) diz que, “é essencial que o professor compreenda esse conjunto de características, pois, caso isso não ocorra, sua ação poderá interferir negativamente no processo de aprendizagem”. E ainda

o desenhar para a criança é tão natural como qualquer outra atividade. O que importa para ela é o momento da ação. Assim como brinca, associa, simboliza, ela desenha de forma espontânea. A criança age impulsivamente, numa curiosidade natural da consequência da ação, não a mede e nem as intenções são avaliadas anteriormente à ação. (SANS, 2001, p.20)

A criança gosta tanto de desenhar quanto gosta de brincar e age naturalmente no momento de suas produções, transmitindo para o papel a sua vivência, o convívio com o outro, seus pensamentos e sentimentos sem ter nenhuma preocupação com o resultado ou consequência.

De acordo com Sans (2001, p.27), “muitos adultos criticam e não consideram o real valor do desenho infantil. Esperam que as crianças desenhem representando o realismo absoluto e esquecem ou ignoram que a própria validade da Arte, há muito está desvinculada desse conceito”.

O desenho é importante para o processo de aprendizagem da criança, ele não representa apenas um passatempo e sim a expressão de suas ideias, transmite suas manifestações contribuindo para seu processo evolutivo, despertando o interesse da criança em traduzir o conhecimento que está em sua volta.

Ao desenhar a criança utiliza da observação, da lembrança, representa o seu dia-a-dia, desenvolve a criatividade e a imaginação, bem como, a escrita que começa a surgir de forma gradativa nos desenhos.

Diante disso, o professor não deve fazer comparações e julgamentos em relação aos desenhos das crianças, apenas compreender que os mesmos indicam estágios de desenvolvimento e tem significado para a criança, cabe ao professor respeitar suas expressões e/ou limitações.

### **3. Metodologia**

A presente pesquisa de cunho qualitativo contribui para fins práticos e busca de soluções para problemas concretos. Quanto ao nível é descritiva, Gil (2012, p.28) afirma que as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados.

A tipologia é a empírica que ocupa-se com a face mensurável da realidade social. O procedimento é a pesquisa de campo, como afirma Marconi e Lakatos (2010, p. 169)

Pesquisa de campo é aquela utilizada com objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Utiliza-se da observação direta extensiva, por meio de questionário, como afirma Marconi e Lakatos (2010, p.184) a observação direta extensiva realiza-se através do questionário, do formulário, de medidas de opinião e atitudes e de técnicas mercadológicas.

A pesquisa foi realizada no ano de 2015 na cidade de Ubá – MG. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), o município tem como incumbência oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental.

Portanto, a cidade de Ubá – MG assegura dezoito (18) escolas que ofertam a modalidade de ensino educação infantil. A amostra são quatro (4) destas escolas selecionadas pelo critério de acessibilidade, ou seja, escolas centrais.

O critério de inclusão foi realizado por meio da escolha das escolas que se encontram mais ao centro da cidade, por ser mais fácil o acesso nas mesmas e que ofertam apenas a educação infantil. Já o critério de exclusão são as demais escolas que ofertam concomitantemente o ensino infantil e o ensino fundamental. Os sujeitos da pesquisa são os professores que atuam nos primeiros e segundos períodos da educação infantil (crianças de 4 e 5 anos).

Do total de trinta e um (31) professores sujeitos da pesquisa, vinte e dois (22) aceitaram em participar, sendo que nove (9) professores se recusaram a responder o questionário.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário semiaberto (ANEXO II) com vinte (20) perguntas claras e objetivas, sendo de fácil entendimento para os sujeitos e uma delas foi o pedido de disponibilização de um trabalho de desenho livre das crianças para ilustrar e ser analisado com o objetivo de identificar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Em um primeiro momento, ao visitar as escolas foi realizado o contato com a direção para solicitar autorização para realizar a pesquisa através da assinatura do Termo Consentimento Livre esclarecido (TCL) (ANEXO I). Todos os diretores assinaram o termo liberando a pesquisa. Em seguida ficou combinado a forma de como seria aplicado o instrumento da pesquisa, aqueles professores que aceitassem participar levariam o questionário para casa, e responderiam em um prazo de dois (2) dias.

Das quatro (4) escolas, três (3) liberaram o contato das pesquisadoras com os sujeitos da pesquisa para explicação do instrumento, na outra escola foi decidido junto à direção e a supervisão que seria entregue por meio da supervisora os termos de consentimento livre e esclarecido a serem assinados e os questionários para as professoras que concordassem em participar da pesquisa.

Logo após a aplicação do questionário, os dados coletados foram compilados, analisados e transformados em tabelas, gráficos e quadros para melhor compreensão e para facilitar a discussão dos resultados.

A divulgação dos dados ocorrerá através de artigo científico apresentado a uma banca avaliadora composta por professores da Fundação Presidente Antônio Carlos e posteriormente poderá ser publicado em uma revista ou qualquer outro meio de comunicação.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da Fundação Presidente Antonio Carlos através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução CNS nº 196/96).

## **4. Resultados e Discussão**

### **4.1 Universo da pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Ubá- MG no ano de 2015, aplicada em quatro (4) escolas centrais da rede municipal de ensino de Educação Infantil. Participaram da pesquisa vinte e dois sujeitos.

O município de Ubá está situado na zona da mata mineira e se estende por 407,5 km<sup>2</sup> e conta com 101 466 habitantes. É considerado o principal polo moveleiro do estado. Além dos móveis de qualidade, o município é reconhecido nacionalmente pela espécie de manga que leva o seu nome e cresce com fartura na região.

### **4.2 Identificação dos sujeitos**

O total de sujeitos da pesquisa (22) é do sexo feminino e varia em idade, 1 sujeito possui entre dezoito anos a trinta anos, 9 sujeitos possuem entre trinta e um a quarenta anos, 8 de quarenta e um a cinquenta anos, 3 entre cinquenta e um a sessenta anos e 1 sujeito não respondeu.

Em relação à formação, a totalidade possui curso superior, destes 17 possuem pós-graduação. O tempo de atuação na área de educação compreende 6 sujeitos entre zero a dez anos, 8 sujeitos entre onze a vinte anos, 6 sujeitos entre vinte e um a trinta anos e 2 sujeitos não responderam. Já o tempo de atuação na área de educação como professor compreende 9 sujeitos entre zero a dez anos, 8 sujeitos entre onze a vinte e 5 deles entre vinte e um a trinta anos.

### **4.3 O desenho na educação infantil**

De acordo com os dados obtidos a totalidade dos sujeitos (22) utiliza o desenho em sala de aula.

Enquanto desenha, a criança apropria-se de novos conhecimentos e saberes sociais, históricos ou culturais. Já que para a criança desenhar é como brincar. Desenvolvem-se, portanto, potencialidades cognitivas, e também emocionais, pois revelam através do desenho seus conceitos e valores na transformação do invisível em visível. (MELLO, 2013, p.3)

Trabalhar o desenho em sala de aula permite que os alunos construam novos conhecimentos de maneira espontânea, através de sua expressão, a criança retrata a sua própria identidade, como também, desenvolve a imaginação e criatividade.

Quando questionados sobre a proposta de releitura de obras de arte na educação infantil, 13 sujeitos disseram que não propõe releitura de obras de arte, no entanto, 7 sujeitos disseram que trabalham com releitura de obras e 2 sujeitos não responderam. Diante disto, é importante considerar que

[...] aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. (BRASIL, 1997, p.32)

Percebe-se que são poucos sujeitos que utilizam de releitura de obras de arte em sala de aula, porém, trabalhar com produções artísticas proporciona aos alunos conhecimento de novas obras, sua contextualização e os diversos significados que traz para cada aluno, enriquecendo-os social e culturalmente.

Questionados sobre o uso de modelos pré-estabelecidos (estereotipados) ou de expressão livre, 19 sujeitos disseram que deixam as crianças se expressarem livremente, porém, 3 sujeitos disseram que trabalham tanto com expressão livre quanto com modelos pré-estabelecidos. Questionados se apresentam um modelo a ser seguido quando trabalham com desenho dirigido, 2 sujeitos disseram que sim, 19 sujeitos disseram que não trabalham e 1 sujeito respondeu.

A maioria das crianças é capaz de vencer tais imposições; contudo, uma criança acostumada a depender de tais modelos e que faça bem este tipo de cópias, recebendo também elogios do professor por seu trabalho bem organizado, pode perder a confiança em seus próprios meios de expressão e recorrer a repetições estereotipadas como mecanismo de evasão. (LOWENFELD, BRITAIN, 1970, p. 38)

O professor ao trabalhar com desenhos na educação infantil deve propor novos desafios em sala de aula para que seus alunos não fiquem presos à cópias e sejam capazes de desenvolverem livremente suas expressões, sentimentos, pensamentos e a criatividade. Mesmo que o professor proponha aos alunos um modelo a ser seguido, a criança “tomará o tema apenas como sugestão” (SEBER, 1995, p. 89) e não se prenderá a cópia estabelecida pelo professor, o que contradiz a proposição de Lowenfeld, Brittain (1970).

Questionados se percebem a presença da escrita nos desenhos das crianças, 18 sujeitos disseram que percebem a escrita, 2 sujeitos não percebem e outros 2 sujeitos não responderam. Neste contexto afirma-se que:

As oposições entre os sistemas representativos do desenho e da escrita podem ser intensificadas, se o professor aproveitar a oportunidade de unir, num só momento, duas formas distintas de representar a realidade. Acontece que os símbolos gráficos característicos da escrita da criança precisam evoluir, quer sejam serrilhados, quer sejam figuras ainda não identificadas como letras pelo adulto. (SEBER, 1995, p.115)

Percebe-se que, as crianças começam a representar a escrita em seus desenhos e assim torna possível ao professor trabalhar com as duas formas de representação simbólica. Ainda que as letras não possam ser identificadas claramente, traz certo significado para os desenhos das crianças podendo até mesmo ser nomeadas.

A criança tenta imprimir em seus desenhos aquilo que teve a intenção de realizar, porém, “é com o apoio do desenho que a criança “lê” o que julga ter escrito” (SEBER, 1995, p.114). Dessa forma a criança necessita observar a sua produção para depois falar sobre ela.

Questionados sobre a solicitação do desenho no “para casa”, 16 sujeitos afirmaram que solicitam e que trabalham os desenhos enviados para casa, 4 sujeitos responderam que não solicitam e 2 sujeitos afirmaram que às vezes enviam alguns trabalhos de desenho para serem realizados em casa. Em seguida, ao serem questionados sobre a interferência de adultos nas atividades enviadas para casa, 17 sujeitos responderam que percebem a interferência, 1 sujeito respondeu que não percebe nenhuma interferência nos desenhos e 4 sujeitos não responderam. Faz-se necessário atentar que:

Há várias intervenções possíveis de serem realizadas e que contribuem para o desenvolvimento do desenho da criança. Uma delas é, partindo das produções já feitas pelas crianças, sugerir-lhes, por exemplo, que copiem seus próprios desenhos em escala maior ou menor. Esse tipo de atividade possibilita que a criança reflita sobre seu próprio desenho e organize de maneira diferente os pontos, as linhas e os traçados no espaço do papel. (BRASIL, 1998, p. 100, v.3)

Nota-se que existem diferentes formas de intervenções indiretas, uma delas é apresentar à criança um desenho já realizado por ela sugerindo modificações.

Ao serem questionados sobre a presença do diálogo durante as produções das crianças, 20 sujeitos responderam que dialogam com o aluno durante o desenho, 1 sujeito disse que não dialoga com os alunos e 1 sujeito disse que às vezes costuma dialogar com as crianças sobre os seus desenhos. Este procedimento é fundamental ao considerar que:

Para conhecer o que as crianças privilegiam é importante questioná-las sobre o que desenharam. Em geral as folhas são recolhidas sem nenhum comentário ou, quando muito, o professor faz referência àqueles desenhos que julga os “melhores” ou “os que precisam ser melhorados”. (SEBER, 1995, p.93)

Ao pedir que as crianças desenhem os professores devem possibilitar às crianças um diálogo para que possam perceber as intenções e o propósito durante a realização do desenho. “Permitir que elas falem sobre suas criações e escutem as observações dos colegas sobre seus trabalhos é um aspecto fundamental” (BRASIL, 1998, p. 97, v.3), assim a criança poderá adquirir novas ideias transmitindo em seus trabalhos futuros.

No que diz respeito à comparação dos desenhos ao avaliar pode-se afirmar que 11 sujeitos avaliam os desenhos dos alunos de acordo com a sua própria evolução e não entre eles, 10 sujeitos disseram que não utilizam da comparação para avaliar e 1 sujeito não respondeu. Quando se pensa em avaliação considera-se que:

No que se refere às crianças, a avaliação deve permitir que elas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, o professor deve compartilhar com elas aquelas observações que sinalizam seus avanços e suas possibilidades de superação das dificuldades. (BRASIL, 1998, p. 60, v.1)

De acordo com os dados apresentados e citação do autor nota-se que a avaliação é importante, pois, permite ao professor e aos alunos perceberem os avanços adquiridos por meio da observação do seu próprio desenho e dos colegas.

Quando questionados se avaliam os desenhos, 18 sujeitos afirmaram que utilizam a avaliação durante a observação e 4 sujeitos afirmaram que não avaliam os desenhos das crianças.

Um fator importante é que “cada etapa evolutiva seja devidamente apreciada e acompanhada, precisamos conhecer suas características, a fim de ajudar a criança a superá-la

e atingir a próxima” (SEBER, 1995, p.93). É fundamental que durante o processo de avaliação o professor tome conhecimento das dificuldades dos alunos e saiba trabalhar com elas de forma a auxiliar o seu desenvolvimento.

Em justificativa ao processo de avaliação, 18 sujeitos (82%) que responderam sim, apresentaram o que pode ser observado no quadro 1.

**Quadro 1: Avaliação dos desenhos.**

<b>Utiliza</b>	<b>Número de sujeitos</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Sim</b>	18	São observados e analisados todos os desenhos na educação infantil com intuito de verificar o desenvolvimento da criança, comparando (antigos X novos) tendo um olhar atento e reflexivo em relação ao desenho de cada um, percebendo sua limitação e habilidade.
<b>Não</b>	4	...

**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

Pode-se afirmar que o professor deve avaliar os desenhos das crianças de acordo com a sua própria evolução, devido a isto “a avaliação deve buscar entender o processo de cada criança, a significação que cada trabalho comporta, afastando julgamentos, como feio ou bonito, certo ou errado, que utilizados dessa maneira em nada auxiliam o processo educativo”. (BRASIL, 1998, p.112, v.3)

Mediante o processo de avaliação, o professor deve compreender o significado daquilo que as crianças expressam em seus trabalhos, não devem realizar julgamentos estéticos e sim verificar o desenvolvimento da criança em cada desenho.

Quando questionados sobre a estratégia metodológica utilizada em relação ao desenho, 13 sujeitos utilizam do desenho livre e 9 sujeitos trabalham com desenho livre e dirigido. E questionados em relação à estratégia utilizada com mais frequência, 21 sujeitos responderam que utilizam o desenho livre e 1 sujeito respondeu que trabalha tanto com o desenho livre quanto com o desenho dirigido. Nestes casos:

Para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais, como lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc.[...] É interessante propor às crianças que façam desenhos a partir da observação das mais diversas situações, cenas, pessoas e objetos. O professor pode pedir que observem e desenhem a partir do que viram. (BRASIL, 1998, p. 100-101, v.3)

Percebe-se que durante o desenho é importante tanto a expressão livre das crianças, quanto a dirigida, em ambas a criança expressa os seus sentimentos, pensamentos, situação do cotidiano, manifestando o conhecimento adquirido e suas vivências.

Ao serem questionados se os alunos apresentam dificuldades ao desenhar, 18 afirmaram que os alunos não apresentam dificuldades e 4 sujeitos consideraram que os alunos encontram dificuldades ao desenhar.

Em justificativa ao aluno apresentar dificuldade ao desenhar, 4 sujeitos (18%) que responderam sim apresentaram o que pode ser observado no quadro 2.

**Quadro 2:** Dificuldades ao desenhar.

<b>Apresentam dificuldades</b>	<b>Número de sujeitos</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Sim</b>	4	Alguns alunos apresentam dificuldades, pois percebem que seus traços não representam aquilo que quiseram realizar e às vezes querem um modelo falando que não sabem desenhar.
<b>Não</b>	18	...

**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

O professor deve estimular a criança a desenhar mesmo que ela diga que não gosta deste tipo de atividade para que possa desenvolver em seu processo de representações, pois:

A criança faz figuras diferentes utilizando-se de linhas curvas (nos sentidos horário e anti-horário), linhas retas, sinuosas, tracejadas. Ora, ela não tem nenhuma “dificuldade” de ordem gráfica. A dificuldade é do adulto que não compreende que o desenho infantil se liga a conquistas internas próprias da representação. (SEBER, 1995, p. 91)

O professor precisa compreender que a criança ao passar pelos estágios de desenvolvimento do desenho possui certa limitação de acordo com o seu processo de aprendizagem, isso não quer dizer que ela não saiba desenhar.

No que se refere ao número de vezes por semana que se trabalha o desenho em sala de aula, 21 sujeitos relataram que trabalham com desenho todos os dias da semana, 1 sujeito disse que trabalha o desenho quatro dias da semana.

Percebe-se que os professores adotam o desenho como atividade essencial ao desenvolvimento da criança e que são trabalhados praticamente todos os dias da semana, “todas as atividades permanentes do grupo contribuem, de forma direta ou indireta, para a

construção da identidade e o desenvolvimento da autonomia, uma vez que são competências que perpassam todas as vivências das crianças”. (BRASIL, 1998, p. 62, v.2)

Trabalhar o desenho em sala de aula como uma atividade rotineira proporciona ao aluno aprimorar a sua criatividade e imaginação, permitindo a construção de seus traços individuais de personalidade levando à sua própria autonomia.

De acordo com os dados coletados pode-se afirmar a totalidade dos sujeitos (22) compreendem o processo evolutivo da criança através do desenho. Dentre eles, 17 sujeitos disseram que percebem a etapa em que o aluno se encontra, 3 sujeitos não possuem essa percepção e 2 sujeitos não responderam.

Em justificativa ao questionamento anterior, o quadro 3 demonstra o que foi relatado pelos professores.

**Quadro 3: Conhecimento sobre as etapas do desenho.**

<b>Conhece e compreende</b>	<b>Número de sujeitos</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Sim</b>	17	Há sempre capacitações que informam a respeito destas etapas. As crianças começam com as garatujas (rabiscos) por volta dos 2 anos. Aos 4 anos apresentam o estágio pré-esquemático depois passam para o estágio esquemático até chegarem ao realismo por volta dos nove anos. O processo de desenvolvimento aproxima-se cada vez mais ao real e há preocupação com a semelhança ao objeto representado.
<b>Não</b>	3	...
<b>Não responderam</b>	2	...

**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

A compreensão sobre o processo de evolução dos desenhos é essencial para que o professor possa relacionar a etapa na qual o aluno se encontra com o desenvolvimento esperado em cada etapa, considerando que:

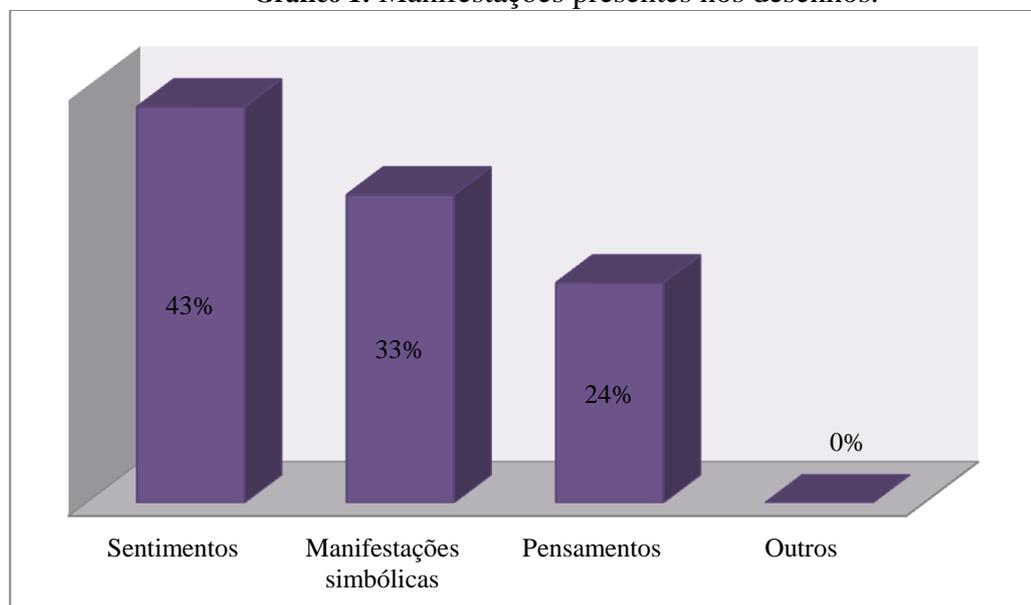
O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. [...] Essa passagem é possível graças às interações da criança com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas. (BRASIL, 1998, p. 92, v.3)

Segundo Lowenfeld e Brittain (1970) em um primeiro momento, a criança inicia o seu processo de desenvolvimento através das “garatujas”, por meio dos primeiros rabiscos ela se manifesta, e em seguida a criança passa pelo “estágio pré-esquemático” representando em

seus desenhos a figura humana e também os objetos de seu convívio. Com o tempo alcança o “estágio esquemático” apresentando conhecimento do espaço da folha, tendo noção, por exemplo, de onde se localiza o “chão” e o “céu”. Em seguida, passa pelo “estágio do realismo nascente” quando a criança começa a representar os objetos de forma real, destacando os detalhes ao desenhar. Logo, chega ao “estágio pseudonaturalista” no qual a criança começa a representar personagens de desenhos animados e se caso não for estimulada para o seu processo de evolução.

Questionado sobre as manifestações presentes no desenho, as respostas estão expressas no gráfico 1 abaixo.

**Gráfico 1:** Manifestações presentes nos desenhos.



**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

Observa-se que 18 sujeitos que correspondem a (43%) percebem os sentimentos expressados pela criança em seus desenhos, 14 sujeitos que correspondem a (33%) responderam que há manifestações simbólicas, 10 sujeitos que correspondem a (24%) percebem que a criança transmite seus pensamentos ao desenhar.

Ressalta-se que os sujeitos da pesquisa deram mais de uma resposta para a pergunta.

A criança apresenta em seus desenhos expressões que contribuem para a interpretação dos mesmos pelo professor, neste caso salienta-se que:

Baseando-se na sua própria experiência, a criança transmite, em seus desenhos, toda uma escala afetiva de valores, tanto na expressão das personagens quanto nos locais e objetos. Colocar o que sente no papel através de sua realidade, faz com que sempre prevaleça o emocional sobre o real. (SANS, 2001, p.37)

Através do desenho o professor pode observar que a criança transmite o que está sentindo, manifesta sua realidade e pode representar por meio da lembrança um objeto ou algo em que teve contato. Desta forma, ela está transmitindo em seus desenhos seus sentimentos, pensamentos e suas manifestações simbólicas.

Quando questionados se o estágio de desenvolvimento da criança está de acordo com a sua faixa etária, 17 sujeitos afirmaram que sim, 2 sujeitos disseram que não e os outros 2 sujeitos afirmaram que às vezes o desenho da criança está de acordo com a sua faixa etária e 1 sujeito não respondeu.

Pode-se afirmar que é possível identificar o estágio de desenvolvimento da criança em relação à faixa etária, porém,

a criança que atingiu a idade cronológica de quatro ou cinco anos, mas que ainda raciocina em função de movimentos, não avançou intelectualmente para um estágio médio de crescimento. Ao observarmos uma série de desenhos, por uma criança de cinco anos, com certeza, desejaríamos deduzir algumas tentativas de representação. Quanto mais diferenciadas forem essas experiências, mais alto será o nível alcançado pelo desenvolvimento do processo intelectual. (LOWENFELD; BRITAIN, 1970, p. 161)

A criança pode atingir o estágio de desenvolvimento que corresponde a sua faixa etária, no entanto, algumas podem não conseguir se desenvolver intelectualmente e não adquirir progresso em sua evolução. Mesmo que o adulto tente interpretar o desenho proposto pela criança, não identifica aquilo que ele quis representar, pois ainda apresenta o desenvolvimento do estágio anterior. O contrário também pode ocorrer se a criança apresentar um estágio elevado do desenho em relação a sua faixa etária.

Dentre os sujeitos, 16 relataram que a estratégia utilizada que mais contribui no processo de desenvolvimento da aprendizagem, é o trabalho com desenho livre e 6 sujeitos disseram que tanto o desenho livre quanto o desenho dirigido, contribui para o desenvolvimento da aprendizagem.

Em justificativa faz-se necessário verificar a tabela 4 na página seguinte.

**Tabela 4: Justificativa sobre as estratégias utilizadas.**

Tipo de estratégia	Número de Sujeitos	%	Justificativa
<b>Desenho livre</b>	16	73	Da mesma forma como a criança pequena brinca, ela desenha. Não planeja o seu desenho, mas acontece como algo que brota de dentro para fora, dando oportunidade de expressar, criar e expor o que aprende e sente, sem a interferência do docente.
<b>Desenho dirigido</b>	-	-	...
<b>Ambos</b>	6	27	O desenho livre possibilita à criança o uso da criatividade e expressão, no qual demonstra seus sentimentos, emoções e imaginação. Já o desenho dirigido se faz necessário para notarem que existem regras para determinadas coisas, fortalecendo também as aptidões dos alunos.
<b>Total</b>	22	100	..

**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

Percebe-se que o ato de desenhar pode desenvolver uma percepção de todo o conhecimento adquirido pela criança através das experiências vivenciadas por elas e dentre elas,

as histórias, as imagens significativas ou os fatos do cotidiano podem ampliar a possibilidade de as crianças escolherem temas para trabalhar expressivamente. Tais intervenções educativas devem ser feitas com o objetivo de ampliar o repertório e a linguagem pessoal das crianças e enriquecer seus trabalhos. Os temas e as intervenções podem ser um recurso interessante desde que sejam observados seus objetivos e função no desenvolvimento do percurso de criação pessoal da criança. (BRASIL, 1998, p. 93)

A criança expressa livremente através do desenho o que ela sente, escuta, observa e vivencia em seu cotidiano. Desta forma as intervenções citadas podem contribuir para enriquecer seus trabalhos e desenvolver a linguagem, essencial para a escrita e leitura futura com alguma finalidade.

Em cada tipo de escola o desenho é trabalhado de uma forma, diante disto, ao serem questionados com qual tipo de escola trabalham, 15 sujeitos afirmaram trabalhar com a tendência contemporânea que propõe à criança desenhar a partir de seus conhecimentos, 4 sujeitos trabalham com a tendência renovada, que defende a ideia que a criança não precisa de orientação e 3 sujeitos não responderam.

Observa-se que foram sugeridas três modelos de escola, cada uma parte de um princípio. Na escola tradicional “a proposta de educação era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os

alunos” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p.5). Neste cenário o aluno reproduz os conhecimentos transmitidos.

A escola renovada “defende uma escola que possibilite a aprendizagem pela descoberta, focada no interesse do aluno, garantindo momentos para a experimentação e a construção do conhecimento, que devem partir do interesse do aluno” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p.8). O aluno como o centro do processo tem autonomia sobre sua aprendizagem.

A escola contemporânea, “complementa que se faz necessário, que os alunos tenham o domínio dos conhecimentos, das habilidades e capacidades para interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe” (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 17). Neste caso, o aluno tem a oportunidade de expressar seus conhecimentos de forma espontânea.

Para complementar a análise dos resultados foi solicitado aos professores, sujeitos da pesquisa, que disponibilizassem alguns desenhos dos alunos para que os mesmos pudessem ser analisados de acordo com os estágios evolutivos do desenho. Dentre os desenhos, foram selecionados cinco deles.

Vale ressaltar que de acordo com a idade a criança começa a fazer traçados dando formas a eles, porém, apresenta certa dificuldade em interpretá-los. Mais tarde a criança adquire novos traços em seus desenhos que podem ser reconhecidos e relacionados aos objetos de convívio, e em seguida passa a representar temas definidos e interpreta-os facilmente.

As imagens exibidas a seguir, simbolizam os estágios de desenvolvimento da criança em relação aos seus desenhos, entretanto, todas as crianças apresentam a mesma faixa etária (5 anos), porém, percebe-se que o nível de desenvolvimento entre elas variam.

**Desenho 1: Estágio das garatujas – Criança**



**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

O desenho acima demonstra quando a criança se encontra no estágio das garatujas, sua manifestação gráfica é o rabisco, a linha solta, quebrada, em curva ou contínua, em toda a folha completamente desordenada. O desenho ainda não representa nenhuma forma identificável que seja possível para se traduzir estas formas, tornando-se muitas vezes a produção dela incompreensível para o professor. Este estágio de desenvolvimento inicia por volta dois anos e estende-se até aos quatro anos de idade.

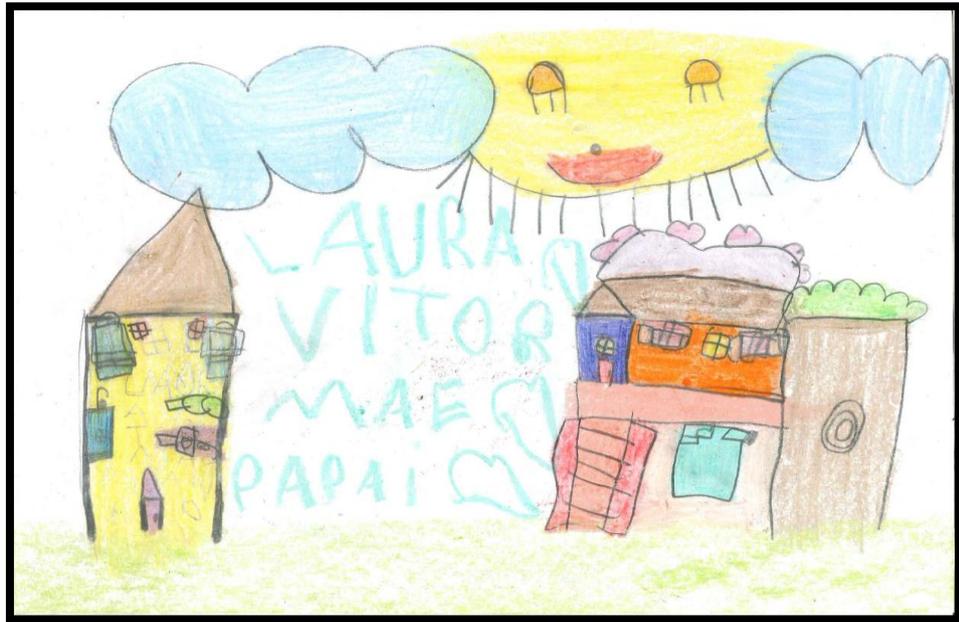
**Desenho 2:** Estágio pré-esquemático – Criança B



**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

O desenho acima corresponde ao de uma criança que se encontra no estágio pré-esquemático que varia a idade entre quatro a sete anos. Nota-se que ela retrata a figura humana apenas com cabeça e pés e cria imagens desordenadas de tamanhos exagerados, uma característica a mais em relação a este estágio de desenvolvimento em que se encontra.

Nesta fase, a criança já consegue controlar seu traçado criando formas simbólicas e figurativas identificáveis pelo olhar do adulto, e isso facilita o diálogo entre forma e pensamento, entre professor e aluno.

**Desenho 3: Estágio esquemático – Criança C**

**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

Em relação à imagem acima, a criança encontra-se no estágio esquemático que inicia-se por volta dos sete até os nove anos. Neste estágio ela define as formas e as imagens no desenho, representam o meio em que convivem e localizam-se a margem inferior da folha de papel. Observa-se também que neste estágio encontram conceitos novos como o desenho raio X (ver através da superfície) e o rebatimento de imagens (a imagem não possui perspectiva e sim rebatimento planificado). Exemplo dessa imagem é a escada da casa.

**Desenho 4: Estágio do realismo nascente – Criança D**

**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

A imagem anterior representa o desenho de uma criança que se encontra no estágio do Realismo Nascente, demonstra a figura humana e todos os demais objetos em tamanhos menores e com mais detalhes, diferente de suas produções anteriores. Este estágio inicia-se aos nove e dura até os doze anos.

**Desenho 5:** Estágio pseudonaturalista – Criança E



**Fonte:** (Pesquisa, 2015).

Quando a criança adquire entre onze e doze anos encontra-se no estágio Pseudonaturalista, neste período começa a evidenciar personagens de desenhos animados ou de histórias em quadrinhos. A imagem é reflexo do pensamento, seja consciente ou inconsciente. Isso se dá pelo uso da cor, da forma, do cenário, do tema. Expor suas ideias e pensamentos sem medo de ousar ou ser criticado.

## **5. Considerações Finais**

Verifica-se que o desenho deve ser trabalhado em sala de aula como uma atividade espontânea inserida na rotina das crianças, o professor não deve trabalhar apenas com modelos pré-estabelecidos, mas dar oportunidade ao aluno de desenvolver sua própria identidade e autonomia. O aluno não apresenta dificuldades ao desenhar, mas deve ser levado em consideração o ritmo de desenvolvimento que possui, sendo assim, é fundamental a

postura do professor mediante o processo evolutivo do desenho estimulando a criança a dar continuidade às suas produções.

Por meio do desenho a criança tem a oportunidade de dialogar com as demais pessoas ao transmitir suas manifestações simbólicas, pensamentos e sentimentos que presenciam em determinado momento. Com a evolução dessas manifestações a criança chega a uma fase em que representa a escrita, mesmo que não seja de uma forma clara e definida, e com o passar do tempo adquire habilidades e conhecimentos para desenvolver melhor esta nova representação simbólica.

Na avaliação dos desenhos, tanto o professor quanto qualquer outra pessoa não deve fazer julgamentos comparando as produções gráficas das crianças, nenhum trabalho é melhor que o outro, cada criança possui um estágio de desenvolvimento significativo para ela.

Constatou-se que a aprendizagem ocorre de forma gradativa e acompanha o processo evolutivo de desenvolvimento da criança, e este processo é construído através da mediatização entre o professor sensível e cuidador, mas principalmente pelo olhar curioso da criança e para poder explorar a fase evolutiva da criança através do desenho, é necessário acompanhar o processo de construção, de seus avanços, processos inéditos, sua identidade cultural e gráfica, mas principalmente sua capacidade criativa.

## Referências

- BARBOSA-LIMA, M.C.; CARVALHO, A. M. P. O desenho infantil como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*. N.2, 2008, v.7. Disponível em: <[http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART4\\_Vol7\\_N2.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART4_Vol7_N2.pdf)> acesso em 25 de setembro de 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n° 9394/96**. Brasília: 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas S.A. São Paulo, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. Atlas S.A., São Paulo, 2010.
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. ed. Mestre Jou, São Paulo, 1970.
- MELLO, Genilza Alves da Silva. A IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA E PSICOPEDAGÓGICA DO DESENHO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM. *Revista De Magistro de Filosofia*, n. 12, 2013. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/10/3-A-IMPORT%C3%82NCIA-PEDAG%C3%93GICA-E-PSICOPEDAG%C3%93GICA-DO-DESENHO-NO-PROCESSO-ENSINO-APRENDIZAGEM.pdf>> acesso em 31 de outubro de 2015.
- NATIVIDADE, M. R.; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. São Leopoldo: contextos clínicos, 2008, v.1. Disponível em < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822008000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822008000100002&script=sci_arttext)> acesso em 05 de outubro de 2015.
- PILLAR, Analice Dutra. Desenho e escrita como sistemas de representação. 2.ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012. Disponível em: <<http://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788563899767/pages/52303479>> acesso em 05 de outubro de 2015.
- QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação: As tendências pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.
- SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Pedagogia do desenho infantil**. ed. Átomo, São Paulo, 2001.
- SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do pré- escolar: Uma visão construtivista**. ed. Moderna, São Paulo, 1995.

SERAFIM, Mônica Souza. O que o desenho diz sobre a escrita. *Presença pedagógica*, V.18, n. 103, 2012.

SILVA, Josianne Maria Mattos da. **O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas**. *Fractal, Rev. Psicol.* n.2. Rio de Janeiro. 2010. V. 22. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922010000800016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000800016)> acesso em 20 de setembro de 2015.



**Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC**  
**Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá**  
[www.ubafupac.com.br](http://www.ubafupac.com.br)

Termo de Consentimento Livre + Esclarecido

(Atendimento a Resolução 196/96-CNS-MS)

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa **“O desenho no processo de aprendizagem da criança na educação infantil das escolas municipais de Ubá – MG”**.

- Neste estudo pretendemos analisar através do desenho a aprendizagem da criança na educação infantil das escolas municipais de Ubá – MG;
- Justifica-se o estudo deste tema devido a importância do desenho no processo de desenvolvimento das crianças e pela possibilidade dos docentes identificarem as manifestações e o processo evolutivo das crianças através do desenho e, além disso, contribuir com a formação dos futuros pedagogos;
- Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: O questionário (instrumento da pesquisa) será aplicado aos professores que se encontrarem disponíveis no momento, os demais levarão os questionários e devolverão devidamente respondidos em um prazo de 2 (dois) dias;
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira;
- Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar;
- Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento;
- A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador;
- O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo;
- Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo;
- Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc;
- Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa;
- Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada;
- Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão;
- Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos;
- Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de identidade \_\_\_\_\_, após a leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, ou da tutela legalmente estabelecida sobre o participante da pesquisa, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

\_\_\_\_\_  
 Ass. Sujeito

Pedriane Anézia da Silva - E-mail: pimentarosa21@outlook.com

Thaís de Campos Alves - E-mail: thata\_campos14@hotmail.com

Faculdade Presidente Antônio Carlos- FUPAC- Pedagogia

\_\_\_\_\_  
 Ass. Pesquisador

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015